

# DIANTE DO APAGÃO DE MÃO DE OBRA, SÓ HÁ UMA SAÍDA: APOSTAR NA EDUCAÇÃO

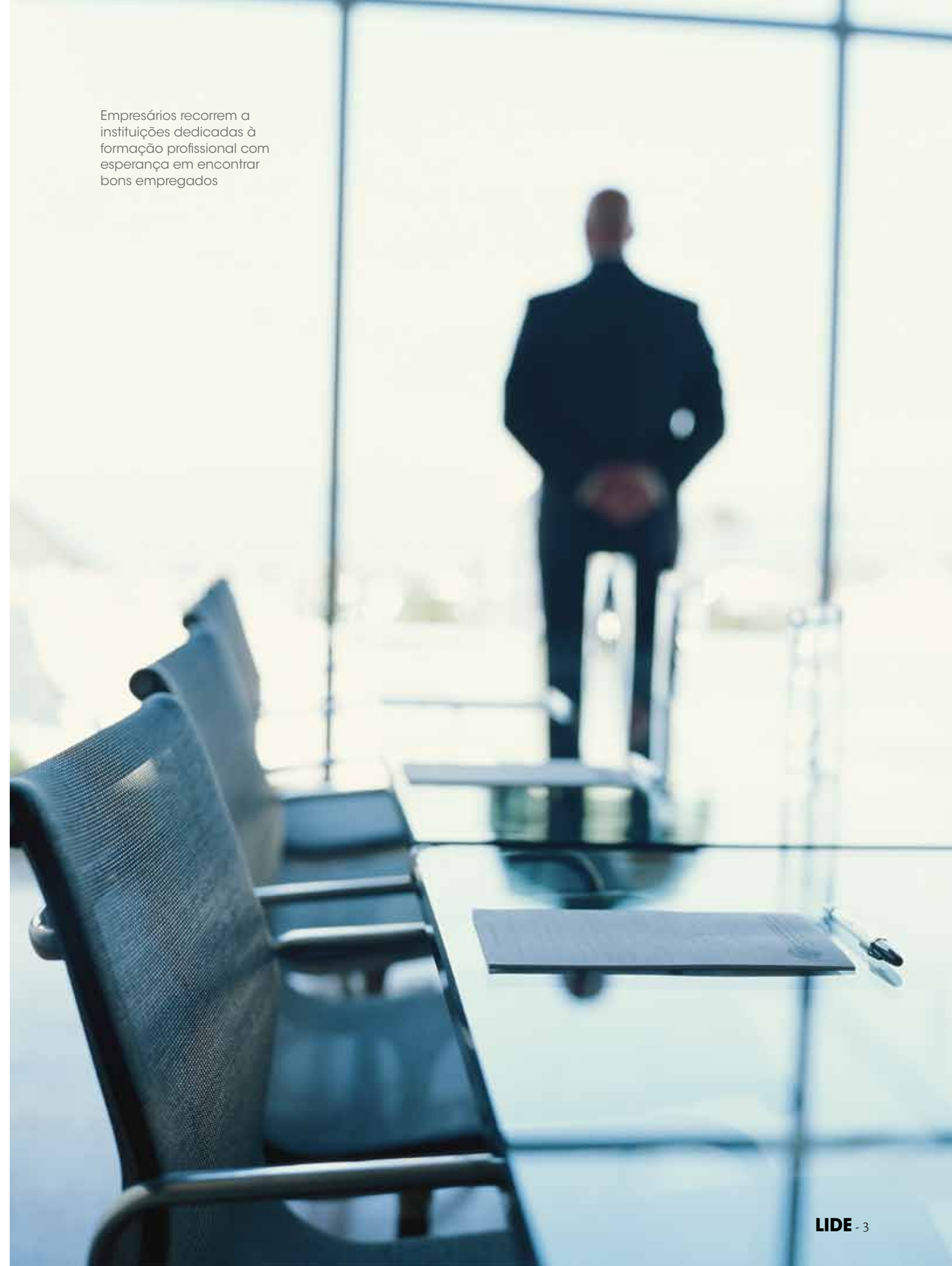
Mais da metade das empresas brasileiras encontra dificuldade para contratar profissionais qualificados e investe na capacitação para preencher suas vagas

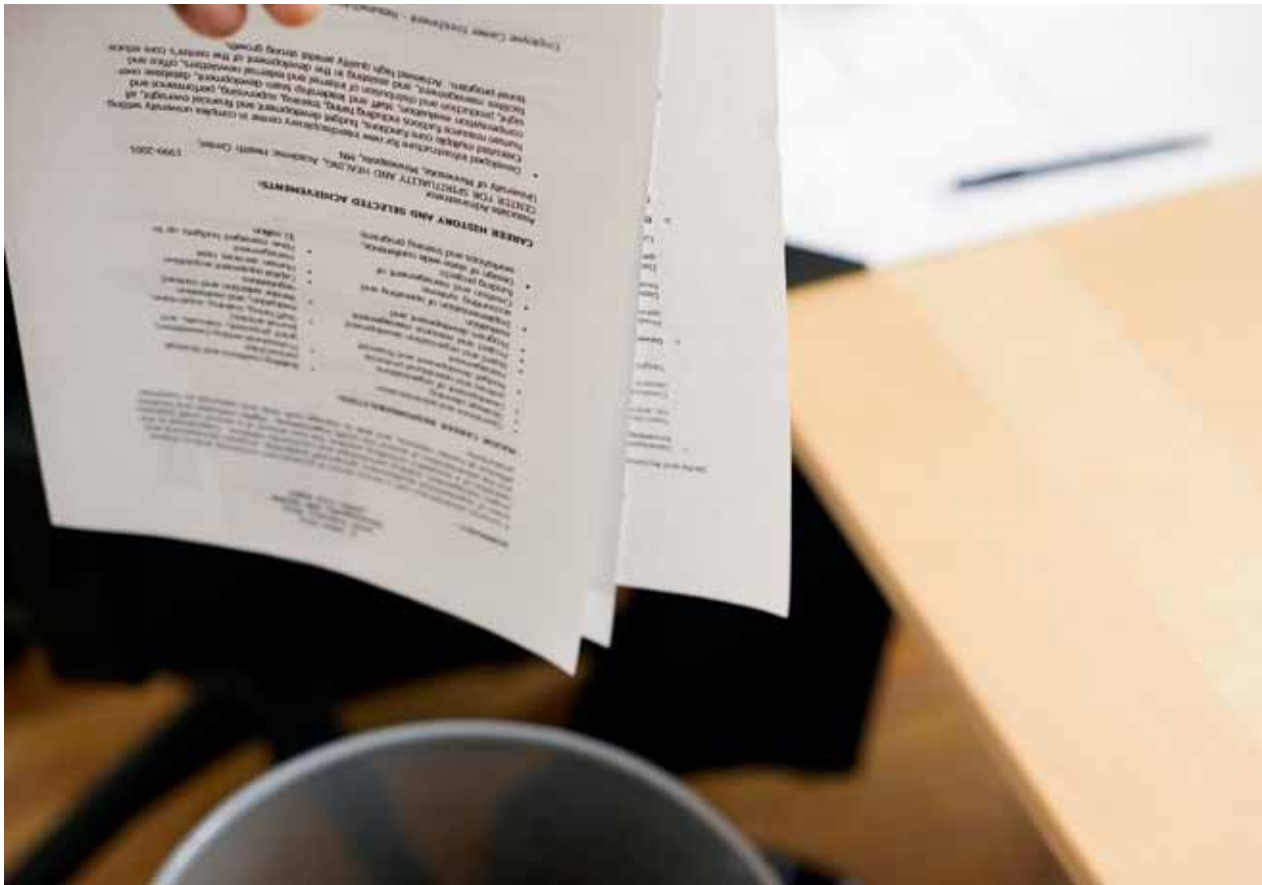
**P**rocura-se. O tradicional aviso de emprego voltou a aparecer em destaque nas portas das indústrias. O que está faltando, porém, são trabalhadores qualificados para preencher as vagas abertas. Segundo pesquisas de entidades empresariais e a realidade das empresas, o Brasil está vivendo um momento considerado como de apagão de mão de obra em vários setores. Na construção civil, na produção de alimentos e bebidas, na indústria de vestuário e acessórios, na metalurgia e no setor de máquinas e equipamentos verificam-se dificuldades na hora de contratar. Esses mercados têm recorrido ao Senai, como a outras instituições dedicadas à formação profissional, para completar o treinamento necessário aos novos profissionais. Obras como hidrelétricas e construções de grandes estradas em regiões como Norte, Nordeste e Centro-Oeste também têm demandado contratações em massa e a consequente necessidade de capacitação dos trabalhadores envolvidos.

“Para empresas de todos os portes, nesse momento encontrar profissionais qualificados não tem sido tarefa fácil”, afirma Juan Carlos Dans Sanchez, coordenador de Políticas de Emprego e Renda da Secretaria Estadual do Emprego e Relações do Trabalho (Sert). Um levantamento realizado pela consultoria internacional

**Áreas como construção civil, produção de bebidas, alimentos e vestuário encontram dificuldade para contratar mão de obra especializada. Empresas de diversos setores têm recorrido ao Senai ou até mesmo criado suas próprias unidades profissionalizantes**

Empresários recorrem a instituições dedicadas à formação profissional com esperança em encontrar bons empregados





Com currículos sem muita experiência, empresas são obrigadas a investir em treinamentos e cursos profissionalizantes

## Pesquisa da consultoria em RH Manpower qualifica o Brasil como segundo país mais carente de mão de obra qualificada

de recursos humanos Manpower apontou o Brasil como o segundo país mais carente de mão de obra qualificada, à frente apenas do Japão. Dos empresários brasileiros, 64% têm dificuldade de preencher vagas disponíveis. Foram ouvidos 35 mil empregadores em 36 países.

Para Sanchez, as empresas têm conseguido preencher seu quadro de funcionários, mas muitas vezes por força de flexibilização de critérios de avaliação e redução das exigências profissionais. Após a contratação, a própria empresa investe em treinamentos e cursos profissionalizantes para seus novos empregados. Algumas delas possuem suas próprias unidades profissionalizantes e já preparam o trabalhador antes de contratá-

lo. É o caso da Mercedes-Benz do Brasil, que mantém seu Centro de Formação de Aprendizes há duas décadas. Jovens a partir dos 15 anos têm, durante 24 meses, aulas práticas e teóricas por um ano em áreas produtivas. “O programa de aprendizes propicia a oportunidade de adquirir conceitos teóricos e práticos específicos para a vida profissional dentro e fora da empresa”, afirma Carlos Marcelo Simoni, gerente da área de Seleção e Treinamento de Recursos Humanos. A empresa Siemens também é um exemplo de quem extrai a mão de obra de sua própria escola profissionalizante. A unidade tem parceria com o Senai e fica localizada em Jundiaí, no interior de São Paulo. Noven-

ta e três por cento dos alunos são contratados pela empresa após a conclusão do curso.

Engajadas em criar trabalhadores especializados, algumas empresas têm ido além do ensino técnico e investido na formação superior de seus funcionários. É o caso da Dedic, que em 2006 lançou a Universidade Corporativa Dedic. Os cursos superiores são reconhecidos pelo MEC e possibilitam o ingresso em programas de pós-graduação (*lato sensu* e especialização) e, também, mestrado e doutorado (*stricto sensu*) nas áreas de Informática, Turismo, Saúde, Gestão e Comércio. “É uma iniciativa que nos orgulha, pois oferecemos a oportunidade de trabalhar na empresa e fazer um curso de nível superior com preço abaixo do mercado”, afirma Paulo Leite, presidente da Dedic.

Mas, apesar de iniciativas como essas, atualmente 65% dos profissionais no mercado formal têm curso escolar básico e curso profissiona-



Juan Sanchez, coordenador do Sert, acredita que a formação escolar é a raiz do problema

lizante de pequena duração. “Esse perfil está aquém do necessário”, explica Sanchez. Mais preocupante ainda são, segundo ele, os atuais 3 milhões de desempregados que não possuem o ensino fundamental. “A raiz do problema, portanto, está na formação escolar e não na ausência de cursos técnicos.”

Especialista em tecnologia educacional e representante do Senai na Confederação Nacional da Indústria, Alberto Borges concorda. “O motivo para o ‘apagão progressivo’ vem das deficiências crônicas da educação básica da população”, diz. “Embora o ensino fundamental esteja praticamente universalizado, enfrentamos sérios problemas relativos à qualidade da educação geral oferecida.” Borges reafirma a quantidade de cursos e unidades necessárias, especialmente móveis, do Senai. Mas atenta para o fato de que as instituições profissionalizantes assumem pesados e complexos encargos para cumprir sua função: qualificar os profissionais demandados pelo mundo do trabalho, que não têm os pré-requisitos mínimos de competência.

Os cursos profissionalizantes devem ser implementados conforme a necessidades do mercado. “É preciso calibrar a oferta de cursos com a demanda do setor produtivo. Caso contrário, haverá desperdício de recursos e frustração dos profissionais qualificados”, alerta. A projeção por formação profissional industrial realizada pelo Senai aponta para uma média, nos próximos cinco anos, de cerca de 3 milhões por ano, entre formação inicial e continuada. Só o Senai deverá atender cerca de 70% dessa demanda. ■



Alberto Borges, do Senai, projeta a formação de 3 milhões de alunos com especialização industrial

**“Atualmente, 65% dos profissionais no mercado formal têm curso escolar básico e profissionalizante de pequena duração”**